

## **CAMINHOS DA CRÍTICA LITERÁRIA**

### **Márcio Roberto Pereira**

**ABSTRACT:** The aim of the paper is to characterize a Brazilian type of criticism called “crítica de rodapé”, in the ‘30 and ‘40 decades. The paper concludes with a discussion about the criticism position of Alceu Amoroso Lima.

**KEYWORDS:** Brazilian literature; criticism, Alceu Amoroso Lima  
**PEREIRA, Márcio Roberto.** The critic and the feuilleton

Em meados da década de 40, a crítica literária brasileira foi marcada pelo embate de dois modelos críticos. De um lado, um modelo representado pelo “homem de letras”, - o bacharel, - que, sob a forma de resenhas, utilizava o jornal como instrumento necessário para a difusão de suas críticas. É o caso de Álvaro Lins, Alceu Amoroso Lima, Otto Maria Carpeaux, entre muitos outros.

Por outro lado, começaria a aparecer o crítico universitário que, ligado à “especialização acadêmica”, utilizaria o livro e a cátedra como propagadores de suas idéias. Um grande exemplo de “crítico universitário” é Afrânio Coutinho, que desencadearia uma campanha contra os chamados “críticos de rodapé”.

A crítica de rodapé esteve sempre fundamentada numa espécie de “não-especialização”, não possuindo, assim, uma linguagem especificamente teórica, oscilando entre a crônica e a divulgação de obras literárias. Ao crítico-cronista, que tinha o seu lugar nos pés de página ou em colunas de jornais, cabia o papel de orientar e divulgar a cultura aos leitores.

Com a criação, porém, das faculdades de Filosofia de São Paulo, em 1934, e do Rio de Janeiro, em 1938, o crítico de rodapé entra em disputa, diariamente nas páginas dos jornais, com os chamados críticos-scholar. Deste modo, como afirma Flora Süssekind:

(...) se abriria espaço para um outro tipo de critério de avaliação profissional, para uma substituição do jornal pela universidade como “templo da cultura literária” e da figura do crítico enciclopédico e impressionista, com a sua habilidade para a crônica, pela do professor universitário, com seu jargão próprio e uma crença inabalável no papel “modernizador” que poderia exercer no campo dos estudos literários.  
(SUSSEKIND, 1993, 20)

Uma vez levada a êxito a tarefa de “caça aos críticos amadores”, os críticos-scholars desenvolvem um discurso em que a crítica torna-se uma atividade intelectual, reflexiva, próxima da ciência. Rejeitando, deste modo, as concepções dos críticos de rodapé: defensores do impressionismo e da noção de crítica como um gênero literário de criação.

Outra característica básica dos críticos de rodapé é a sua inclinação para a informação ligeira, de fácil acesso e entendimento, em que o crítico é responsável pela formação do gosto do leitor.

Utilizando os termos de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athaíde, é possível afirmar que a passagem da crítica de rodapé para a crítica acadêmica se resume na transformação da crítica de atividade problemática para uma atividade sistemática:

Com esse estado de espírito, foi que ingressei na crítica, procurando realizá-la como atividade problemática e não como atividade sistemática. Cada obra, cada autor representavam um problema novo, que competia ao crítico expor, analisar, mas sem procurar resolvê-lo e muito menos ensinar normas de fazer, de apreciar ou de solucionar. Crítica puramente opinativa e individual, guiada apenas por um propósito de honestidade e obediência. (LIMA, 1966, 31)

Como salienta Alceu Amoroso Lima, os críticos de rodapé não possuíam sistematizações teóricas definidas. Cada crítico tornava-se apenas um leitor mais consciente, exercendo a crítica não como uma atividade judicativa e sim testemunhal. (LIMA, 1966, 29)

O crítico servia como uma espécie de referência para seus leitores, formando-lhe o gosto e um cânone literário através de uma linguagem leve e sem sistematizações específicas.

Por outro lado, é importante salientar, ainda, que a crítica de rodapé, com suas características impressionistas e subjetivas, situa-se historicamente entre dois modos sistemáticos de análise literária. Situa-se entre a crítica naturalista dos fins do século XIX e a nova crítica, com Afrânio Coutinho à testa, cuja preocupação teórica com o material literário e com a própria natureza da crítica se tornariam dominantes. Dos críticos do século XIX, entretanto, os críticos de rodapé tomam a lição de Machado de Assis que, num processo, de absoluta independência, torna-se livre de modelos teóricos.

Assim, como o folhetinista é definido por Machado de Assis como sendo um “colibri” a voar livremente sobre todos os fatos, o crítico de rodapé, como explica Alceu Amoroso Lima (1966), possui uma verdadeira “obsessão pela liberdade”:

A adoção de qualquer sistema de crítica teria sido uma traição a essa marca profunda. Era talvez a minha fragilidade. Mas se tentasse reagir, seria insincero comigo mesmo. Seria desonesto. Aliás nunca passou pela minha cabeça adotar qualquer sistema de crítica, pelo menos de início. Queria ser apenas um leitor, que analisa suas próprias impressões de leitura, sem qualquer compromisso nem com um sistema, nem com um movimento. (LIMA, 1966, 31)

Mas essa “obsessão pela liberdade” não impediu que o próprio Alceu Amoroso Lima fitasse o fenômeno crítico criando, assim, o que ele chamou de expressionismo crítico. Influenciado pelas idéias de Benedetto Croce e Maurice De Wulf, entre muitos outros, procura mesclar em suas críticas o subjetivismo com doses de objetivismo. Não é de se estranhar, portanto, que Alceu Amoroso Lima encare a crítica como uma atividade de criação:

Sempre considerei a crítica literária, portanto, como uma atividade criadora e total, da mesma natureza da que leva o poeta ao poema, o prosador ao conto ou ao romance, o ensaísta ao ensaio ou o homem de gosto a saborear, em silêncio, pelos olhos, pelos ouvidos, pela inteligência, as obras de beleza estética. (LIMA, 1966, 36)

Como crítico de rodapé, Tristão de Athaíde se propunha a realizar uma obra de jornalismo na crítica, posição que esclarece em sua seção de jornal intitulada “Bibliografia”:

Ao jornal compete menos a obra de criação do que o comentário e a divulgação.

O jornal deve ser um orientador de espíritos, um guia consciencioso de consulta fácil. Assim, não pode uma seção de bibliografia confinar-se na seca enumeração de livros que afloram. Sobre fastidioso, seria injusto. E a essa injustiça acresceria uma falta de consciência para o leitor. (LIMA, 1966, 13)

Observa-se, assim, que o crítico quer ser mais que um simples bibliógrafo. Quer ser um leitor que tenta convencer outro leitor a tomar mais consciência sobre a obra literária. Um exemplo da força dos críticos de rodapé pode ser observado no fato de que dia seguinte à publicação do rodapé de Álvaro Lins sobre Sagarana, a obra de Guimarães Rosa passou a ser muito procurada nas livrarias.

Do exposto, depreende-se que o crítico de rodapé procurava sempre sintonizar o leitor com a obra sem, com isso, seguir um programa teórico específico porque, como afirma Alceu Amoroso Lima: Criam-se os programas para o prazer de os mal cumprir. (LIMA, 1966, 61)

## BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo: ensaios de crítica**. São Paulo: Iluminuras; Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 41 p.

CARPEAUX, Otto Maria. **Alceu Amoroso Lima por Otto Maria Carpeaux**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. 173 p.

LIMA, Alceu Amoroso. **Teoria, crítica e história literária. Seleção e apresentação de Gilberto Mendonça Teles**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; Brasília: INL, 1980. 594 p.

KUSHNER, Eva. **Articulação histórica da literatura. In: ARGENOT, Mark (et alii). Teoria literária: problemas e perspectivas**. Tradução de Ana Luisa Faria & Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 139-58.

LENTRICCHIA, Frank; MACLAUGHLIN, Thomas. (edited by). **Critical terms for literary study**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1990. 369 p.

LINS, Álvaro. **Notas de um diário de um crítico**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. 186 p.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Crítica Literária**. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W.M. Jackson, 1938. 350 p.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.